

Mudança climática fora do cotidiano: análise da cobertura de dois jornais num panorama de fragilidade da governança ambiental

Cláudia Viegas
Mestre em Administração pela UFRGS
Professora de Filosofia da Comunicação
Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo (RS)

Trabalho apresentado ao NP 09 – Comunicação Científica e Ambiental no IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

Resumo:

Difícilmente alguém deixa de assistir, ler ou ouvir algo sobre previsão do tempo, eis que todos precisam, desde as primeiras horas da manhã, saber se vai chover, fazer frio etc. Nunca a informação sobre este assunto esteve tão avançada. Fala-se e escreve-se efusivamente sobre clima e mudança climática, e os meios de comunicação conseguem explicar fenômenos sobre o assunto em linguagem popular. Mas uma análise da cobertura de dois jornais diários brasileiros, de grande circulação, mostra que as matérias que eles publicaram sobre o assunto, em 2003, pouco ou quase nunca relacionam mudança climática ao cotidiano. Este artigo resume um estudo exploratório que mostra que a mudança do clima não apenas é abordada como algo fora do dia-a-dia pelos jornais, mas que, na raiz desse problema de cobertura, pode estar algo mais sério: a fragilidade da governança ambiental.

Termos-chave: mudança climática; Protocolo de Kyoto; jornalismo diário.

1. Mudança climática: difícil de explicar, mas nem tanto

Para a compreensão popular, mudança climática é, em geral, associada apenas à “loucura do tempo”, algo como um belo dia de sol que, de repente, se transforma em densas nuvens que descambam em um temporal. O imaginário popular – aqui entendido como o conjunto de representações sociais de pessoas simples, sem muita cultura para a ciência em geral, muito menos para a climatologia – costuma associar o termo “mudança climática” a temporais, trovões, ventos e casas destelhadas, desabamentos e tragédias humanas, algo que tem a ver com suas vidas cotidianas e que os jornais sabem explorar muito bem. Porém, de uns tempos para cá – especialmente desde que foi realizada a Conferência Mundial de Meio Ambiente no Rio de Janeiro, em 1992 – a expressão “mudança climática” ganhou um refinamento em meio aos significados que a imprensa diária costumava atribuir-lhe. Com a criação da Convenção do Quadro das Nações Unidas para a Mudança Climática (UNCCC) e, em especial, com o Protocolo de Kyoto, assinado em 1997, o termo vem deixando de ser apenas uma ponta de *iceberg* – o que se vê da mudança climática, como resultado de um fenômeno complexo e de longo prazo – para ser conjugado em suas formas mais técnico-científicas. É em relação a estas formas que a inserção no popular se perdeu ou, pelo menos, se distanciou.

A imprensa tem um papel relevante nesta mudança – não em relação à climática propriamente dita, mas na que se refere às formas de trabalhar com as representações do fenômeno. Especificamente na mídia impressa, observa-se uma tendência a explorar os lados científico, político e econômico da mudança climática, mas sem uma contumaz relação destas abordagens com o dia-a-dia das pessoas.

Um estudo exploratório realizado a partir da avaliação de matérias sobre mudança climática e Protocolo de Kyoto publicadas de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2003 em dois jornais diários de grande circulação – jornal Correio do Povo (CP), de Porto Alegre (RS) e jornal Folha de São Paulo (FSP/SP) – mostra que a imprensa trata o assunto de forma predominantemente elitista e com um certo ceticismo, embora torne o assunto acessível ao conseguir explicar, de maneira simples, os termos básicos envolvidos na conceituação e no desdobramento do complexo fenômeno que é a mudança climática e na equação de controle de emissões que se tornou o Protocolo de Kyoto, hoje ameaçado pelas dissidências norte-americana e russa quanto à sua ratificação.

Do ponto de vista da governança ambiental¹, conceito segundo o qual a mobilização por mudanças visando a melhorias ambientais depende muito mais das respostas da sociedade do que unicamente das ações do governo por si mesmas, raras vezes os jornais analisados dão margem para a expressão do fenômeno mudança climática como algo de responsabilidade de cada pessoa ou que possa ser relacionado a uma conduta pessoal, cotidiana, ou que tenha um efeito sobre a história, a trajetória individual. Em geral, ela é vista como algo que cabe aos governos e às grandes empresas poluidoras resolverem: é um problema de cúpulas governamentais, ou de meganegociações aparentemente abstratas entre empresas que compram direitos de poluir na Europa plantando árvores na Amazônia, por exemplo. Esses planos de entendimento, com certeza, pouco têm a ver com a realidade diária das pessoas e podem mesmo contribuir para a perda de interesse delas pelo assunto.

As perguntas que fazem são: por que a imprensa tem uma visão tão cética a respeito da realização da mudança climática ao mesmo tempo em que divulga estudos científicos nos quais ela (a mudança) é afirmada? Por que este tipo de mudança é, muitas vezes, colocado pela imprensa como “mais uma profecia pessimista” que não se cumpre? Há alguma relação entre esta postura de distanciamento do dia-a-dia e da elitização no tratamento do assunto com as características mapeadas da governança ambiental do Brasil em relação, por exemplo, a alguns países vizinhos – apenas para ficar no âmbito das comparações mais próximas?

2. Protocolo de Kyoto: utopia ou idéia abandonada por falta de governança?

O tema da mudança climática passou a ter maior visibilidade na imprensa com o Protocolo de Kyoto, um acordo internacional estabelecido em 1997 durante a terceira sessão da Conferência das Partes (COP-3) da UNFCCC. Com a sua ratificação, os países desenvolvidos comprometem-se a reduzir as suas emissões coletivas de seis gases estufa. Pelo acordo, as emissões devem ficar pelo menos 5% abaixo dos níveis vigentes em 1990 em um período entre 2008 e 2012. Comparado aos níveis de emissão que seriam esperados para 2010, sem o controle de medida das emissões, o alvo do Protocolo de Kyoto representa um corte de 30% na emissão dos gases de efeito estufa – aqueles que prendem o calor na superfície terrestre, gerando o

¹ De acordo com o documento *Decisions for the Earth, Balance, Voice and Power*, preparado e editado pelo World Resources Institute (WRI), Washington, 2002/2004, a governança pode ser analisada e até mesmo quantificada em níveis de acordo com os seguintes elementos: instituições e leis, direitos de participação e

aquecimento global. Tanto os países em desenvolvimento quanto os desenvolvidos concordam em adotar medidas para limitar as emissões e promover adaptações para os impactos dos futuros impactos climáticos. Devem também submeter informações sobre seus programas de nacionais de mudança climática e inventários; promover transferência de tecnologia; cooperar com pesquisa científica pública; promover conscientização, educação e treinamento. As regras para a entrada em vigor do Protocolo de Kyoto requerem que 55 das partes da convenção ratifiquem o tratado, incluindo o Anexo I (países industrializados) que, em 1990, somavam 55% das emissões de dióxido de carbono (CO₂), gás estufa que mais contribui para a mudança climática. Até setembro de 2002, 94 países ratificaram o Protocolo de Kyoto, mas eles representam apenas 37% das emissões do Anexo I (WRI, 2002/2004).

Este é o cenário técnico do problema. O fato é que, apesar desse formalismo, na prática, o Protocolo de Kyoto parece entrar em colapso, o que significa que a mudança climática poderá estar cada vez mais em ascensão. Depois da negativa dos Estados Unidos em ratificá-lo, em 2001, e de a Rússia ter feito ameaça com o mesmo intuito, no final do ano passado², resta muito esforço para tentar atingir as metas e muito pouca probabilidade de que elas sejam, de fato, cumpridas. Isto porque os Estados Unidos colaboram por cerca de 37% das emissões globais de gases de efeito estufa, e a Rússia, por aproximadamente 16%, o que resulta em uma soma percentual superior a 50%. O jornal Folha de São Paulo, na prática, já anunciou a ruína do acordo, num de seus títulos: “Rússia ameaça destruir Protocolo de Kyoto” (FSP, 3/12, Editoria: Ciência, p. A15). Mas destruir o quê, se o protocolo sequer teve uma construção consistente?

3. Mudança climática, Kyoto, fluxo de informações: e “nós com isto”?

Mas o que nós, pessoas comuns, que todos os dias vêm e vão do trabalho para casa, por assim dizer, temos a ver com tudo isto? Se a governança “(...) trata de decisões e de como as tomamos” (WRI, 2002/2004, p. 6) e “(...) Trata de estar encarregado” (idem, ibidem), qual o papel dos cidadãos comuns – e não apenas dos governos e das empresas – diante desse problema? Na realidade, as matérias dos jornais analisados, no período referido, não dão conta disto, ou seja, elas não nos ajudam a elaborar um “como agir”. Elas estão mais para a colocação do problema da mudança climática como algo a respeito do qual somos totalmente impotentes, meros espectadores. Isto apesar de nos explicar muito bem o que significa, como funciona, quais os complexos mecanismos de compensação de emissões que estão por detrás do Protocolo de Kyoto. A sensação é de que somos convidados, pela leitura, a compreender algo difícil e, no entanto, inteligível, mas totalmente fora de nossa capacidade de ação e decisão, projetado para o âmbito das reuniões de cúpula e do mundo dos negócios. Vemos a mudança climática numa moldura e estamos, com essas formas de abordagem, fora do quadro.

representação; nível de autoridade; confiança e transparência; direitos de propriedade e posse; fluxos de mercado e financiamento; ciência e risco.

² O presente artigo foi concluído em março de 2004, antes de a Rússia anunciar a revisão de sua posição com respeito à ratificação do Protocolo de Kyoto. Em 22 de maio de 2004, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, anunciou publicamente seu compromisso com os termos do protocolo, desde que fosse assegurada a participação de seu país na Organização Mundial do Comércio (OMC). Mas uma posição oficial ainda deverá ser anunciada em agosto de 2004 (Correio do Povo On line, 23/5/2004).

O Brasil é signatário do Protocolo de Kyoto desde 2002, uma adesão tardia se comparada à de vizinhos latino-americanos (WRI, 2002/2004, p.239). E, até agora, não se ouviu sequer falar em ações de conscientização e educação ambiental ligadas ao acordo, como reza o escopo do protocolo.

Ao mesmo tempo, o nível de liberdade de imprensa no Brasil, medido pela ONG Freedom House ³, e apresentada em um ranking mundial do World Resources Institute (WRI), fica abaixo do nível registrado na Bolívia e no Chile – só para ficar no âmbito dos países sul-americanos. A Freedom House atribui ao Brasil um índice 32, à Bolívia, 25, e ao Chile, 22. Note-se que quanto maior o índice, menor é a liberdade. É bom notar também que o tal nível de liberdade de imprensa não é, pelo critério usado nesta classificação, uma responsabilidade atribuída ao jornalista, mas algo que trata de medir, em intervalos de avaliação, o quão livre é o fluxo de informações vigente em cada país. Porém, se não é responsabilidade do jornalista brasileiro que o nível de liberdade de imprensa local esteja abaixo do de vizinhos usualmente considerados menos desenvolvidos, como a Bolívia, então, o que leva o fluxo de informações, no Brasil, a ser relativamente mais bloqueado? Como, de fato, esta questão do baixo fluxo de informações impacta na forma e no conteúdo das notícias veiculadas nos jornais locais sobre mudança climática e os desdobramentos do Protocolo de Kyoto? Resumindo: o que o povo tem a ver com isto e qual sua margem de manobra perante o problema?

4. Método do estudo: buscando padrões no caos

Clima é sempre algo “folk”, popular, pois sabe-se que as civilizações, desde os primórdios, erigiram suas formas políticas de organização baseando-se na demarcação do ciclos de estações (chuva/sol, encharcadas/secas, fases da lua etc) para plantar, colher e estabelecer relações entre seus indivíduos. A sabedoria popular está, também, fortemente ligada às variações do clima. Mas isto não significa que exista construído, acabado, um método para relacionar esta realidade “folk”, a do clima, com a realidade científica da “mudança climática”. Tampouco, que exista um método de análise das representações jornalísticas da mudança climática, nos jornais diários, voltado a estudos de cultura popular. Assim, procurou-se construir um método preliminar para a avaliação das matérias selecionadas.

Inicialmente, foram pesquisados, no sistema de busca eletrônico do Jornal Correio do Povo (www.correiodopovo.com.br), dois conjuntos de termos-chave: “mudança climática” e “Protocolo de Kyoto”. Ao todo, a busca resultou em 31 matérias, entre as da editoria de Internacional, coluna Do Leitor, artigo de Colaborador, coluna de Economia (“Panorama Econômico”, da jornalista Denise Nunes) e matérias incluídas na editoria Geral do jornal. Aglutinando-se matérias redundantes, que apareceram por meio dos dois grupos de termos chave referidos, chegou-se a um total de 11 matérias.

No website da FSP, referente aos mecanismos de busca nos arquivos do jornal (<http://www1.uol.com.br/busca/buscador.htm?http://www.uol.com.br/bibliot/arqfolha.htm>),

³ Segundo o ranking sobre liberdade de imprensa no mundo, elaborado pela Freedom House, o índice de liberdade de imprensa é definido como o grau em que cada país permite o fluxo livre de informações, numa escala de 0 a 100. Países na faixa de 1 a 30 são considerados como tendo mídia livre (F); na faixa de 31 a 60, parcialmente livre (PF); e na faixa de 61 a 100, não livre (NF). Ver www.freedomhouse.org/pfs2002.pdf.

procedeu-se de modo idêntico, buscando primeiro o termo “mudança climática” e, depois, “Protocolo de Kyoto”. Na FSP, foram localizadas 28 matérias a partir da busca ao termo “mudança climática”, e 67 matérias a partir da busca ao termo “Protocolo de Kyoto”. Um refinamento na seleção das matérias da FSP resultou na eliminação de sete delas para o termo “mudança climática” e quinze delas para o termo “Protocolo de Kyoto”. Esta eliminação foi efetuada porque tais matérias não apresentavam relação direta nem indireta com o assunto em questão. Assim, trabalhou-se com um total de 73 matérias da FSP, sendo 21 referentes à busca por “mudança climática” e 52 à busca por “Protocolo de Kyoto”.

Uma vez obtidos os resultados brutos da busca e eliminados os que não apresentavam referência direta nem indireta ao assunto em estudo, as matérias resultantes foram totalmente lidas e buscaram-se referenciais padrões para a sua classificação. Observou-se que as matérias, em geral, seguem os seguintes padrões de abordagem: (1) descrição resumida de estudos publicados em revistas de divulgação científica ou em revistas acadêmicas (“journals”) ou estudos de organizações diversas, mostrando ou não, cientificamente (probabilisticamente), efeitos da mudança climática sobre o homem; (2) entrevistas com cientistas ou autoridades abordando, direta ou indiretamente, questões sobre mudança climática ou Protocolo de Kyoto, com ou sem abordagem sobre os efeitos dessas mudanças na vida das pessoas; (3) opiniões de editorialistas, colunistas ou leitores sobre o tema, geralmente com críticas a governos e com abordagem sobre efeitos da mudança climática ao ser humano; (4) informações sobre a situação da adesão ou não ao Protocolo de Kyoto ou de outros tipos de acordos relativos à mudança climática, com um enfoque político-governamental; (5) informações sobre eventos (agenda das reuniões intergovernamentais sobre mudança climática e outros); (6) informações econômicas (negócios possibilitados ou possíveis a partir dos mecanismos do Protocolo de Kyoto).

5. Resultados do estudo exploratório

5.1 Análise quantitativa

5.1.1 Correio do Povo

Uma análise estritamente quantitativa do material obtido e avaliado a partir do jornal Correio do Povo mostra que a maior parte das matérias veiculadas sobre o assunto nesse diário, durante o período considerado, apareceram na editoria “Mundo”, principalmente sob a forma da situação dos governos com relação à adesão ao não ao Protocolo de Kyoto (Quadro 1).

Quadro 1

Abordagem do Protocolo de Kyoto e Mudança Climática no Correio do Povo – 2003

Padrão de abordagem (*)	Editoria	Nº de matérias encontradas
1	Mundo	2
2	–	–
3	Coluna Do Leitor; Opinião de Colaborador	2

4	Mundo	3
5	Geral e Mundo	1 + 1
6	Economia (notas em coluna assinada)	2

(*) 1 - Descrição resumida de estudos publicados em revistas de divulgação científica ou em revistas acadêmicas ("journals") ou estudos de organizações diversas, mostrando ou não efeitos da mudança climática sobre o homem; 2- Entrevistas com cientistas ou autoridades abordando, direta ou indiretamente, questões sobre mudança climática ou Protocolo de Kyoto, com ou sem abordagem sobre os efeitos dessas mudanças na vida das pessoas; 3 - Opiniões de editorialistas, colunistas ou leitores sobre o tema, geralmente com críticas a governos e com abordagem sobre efeitos da mudança climática ao ser humano; 4 - Informações sobre a situação da adesão ou não ao Protocolo de Kyoto ou de outros tipos de acordos relativos à mudança climática, com um enfoque político-governamental; 5 - Informações sobre eventos (agenda das reuniões intergovernamentais sobre mudança climática e outros); 6 – Informações econômicas (negócios possibilitados ou possíveis a partir dos mecanismos do Protocolo de Kyoto).

5.1.2 Folha de São Paulo

No jornal Folha de São Paulo, a editoria de Ciência foi a que mais se destacou na divulgação de matérias tanto sobre Protocolo de Kyoto quanto sobre mudança climática. Especificamente com respeito ao Protocolo de Kyoto, a abordagem prevalente foi a descrição de estudos publicados em revistas de divulgação científica ou em revistas acadêmicas (Quadro 2). Já com relação à mudança climática, as abordagens mais frequentes foram as referentes a opiniões de editorialistas colunistas ou leitores sobre o tema e a informações sobre a situação da adesão ou não ao Protocolo de Kyoto, com enfoque político-governamental (Quadro 3).

Quadro 2

Abordagem do Protocolo de Kyoto na Folha de São Paulo – 2003

Padrão de abordagem (*)	Editoria	Nº de matérias encontradas
1	Ciência + Mundo + Cotidiano	10 + 1 + 1
2	Ciência	2
3	Opinião Leitor + Editoriais	3
4	Mais!	4
5	–	–
6	–	–

(*) Ver rodapé do Quadro 1

Quadro 3

Abordagem da Mudança Climática na Folha de São Paulo – 2003

Padrão de abordagem (*)	Editoria	Nº de matérias encontradas
1	Ciência + Cotidiano	4 + 1
2	Ciência	1
3	Editorial + Leitor + Colunista + Dinheiro + Mais!	8 + 6 + 3 + 2 + 1

4	Ciência + Brasil + Mundo	13 + 6 + 1
5	Ciência	1
6	Dinheiro (notas) + Empregos	4 + 1

(*) Ver rodapé do Quadro 1.

5.2 Análise qualitativa

5.2.1 Correio do Povo

Das 11 matérias analisadas no Correio do Povo, duas relacionam o problema “mudança climática” ou “Protocolo de Kyoto” (não assinatura do mesmo) às condições humanas de saúde e/ou sobrevivência e uma traz uma breve reflexão sobre a frágil condição de equilíbrio ecológico e a não-assinatura do Protocolo de Kyoto. Essas três matérias, cerca de 27% do total, de alguma forma, referem-se a situações facilmente percebidas ou experimentáveis pelas pessoas, pois tratam, principalmente duas delas, de condições de sobrevivência (respirar e viver X morrer).

Apenas uma dessas três matérias apresenta uma declaração (“quotation”) sobre a situação humana em relação à mudança climática: “Podemos enfrentar a falta de comida e de água por alguns dias, mas é impossível vivermos mais que dois minutos sem respirar”, alertou o coordenador do congresso [sobre qualidade do ar], Isaac Zilberman (Correio do Povo, 19/7/2003⁴). Ainda assim, a matéria em questão apenas faz uma breve referência à mudança climática ao anunciar um congresso sobre qualidade do ar.

O interessante, contudo, do ponto de vista do entendimento popular, é que ela apresenta uma realidade palpável a qualquer pessoa que tenha experimentado a privação da respiração por alguns momentos, contribuindo, portanto, para estabelecer uma relação muito feliz entre as alterações ambientais (neste caso, não diretamente climáticas) e o dia-a-dia das pessoas.

Outra matéria relaciona, diretamente, a mudança climática a um grande número de mortes: “Milão - A mudança climática causa cerca de 150 mil mortes ao ano (...)” (Correio do Povo, 12/12/2003). Neste caso, não existem citações (manifestações explícitas de fontes), mas a matéria é muito objetiva, apesar de não incluir explicações intermediárias sobre a relação do aquecimento global com o aumento das emissões, indo diretamente ao problema dos efeitos do fenômeno do aquecimento global a algo do cotidiano das pessoas, ou seja, a morte por condições climáticas adversas.

Já a terceira matéria – que é, na realidade, uma carta de leitor – exige um pouco de abstração para compreender o contraponto feito pelo leitor entre as metas de longo prazo exigidas por uma salutar adesão ao Protocolo de Kyoto – “O homem consciente é aquele que planta uma árvore sabendo que não usufruirá de sua sombra” – e o imediatismo dos países ricos, que “(...) continuam pagando para poluir e não reduzir o seu crescimento econômico (...), pois (...) o Protocolo de Kyoto e a Rio +10 ainda não atingiram seus objetivos” (Correio do Povo, 12/3/2003).

⁴ As matérias do Correio do Povo referidas neste artigo estão citadas sem as respectivas páginas porque o material, colhido na versão *online*, não apresentava a indicação de numeração das páginas.

É importante notar que a maioria das matérias – oito delas, ou 73% – tratam ou da posição de governos em relação ao problema da mudança climática/Protocolo de Kyoto, ou de questões de oportunidade econômica relacionadas a esses assuntos.

Interessante, também, é observar a semântica que aparece em duas matérias, nas quais governos se comprometem a “estudar” o problema, o que indica que sua ação é projetada para o futuro, e não para as necessidades atuais. A referência ao verbo “estudar” (grifo do autor) é explícita: “As mudanças climáticas no extremo sul do continente americano serão estudadas pela Argentina e pelo Chile” (Correio do Povo, 30/8/2003); e “O presidente russo, Vladimir Putin, manteve ontem sua ambigüidade sobre a assinatura do Protocolo de Kyoto, alegando indecisão de seu país e citando teorias sobre um possível benefício russo com o aquecimento global (...) O governo estuda minuciosamente esse assunto e todo o complexo de dificuldade que poderia surgir como conseqüência”, afirmou. (Correio do Povo, 30/9/2003).

A questão que se coloca é: as pessoas terão tempo para esperar pelos resultados dos estudos? Sabe-se que a negativa norte-americana, em 2001, e o declínio russo, no final do ano passado, perante o Protocolo de Kyoto, praticamente sepultaram o acordo, pois somando as emissões de ambos os países, tem-se mais de 50% das emissões de gases de efeito estufa do planeta.

Nas matérias de opinião (colunistas e colaboradores do jornal), o tema mudança climática/Protocolo de Kyoto é, invariavelmente, abordado como oportunidade de negócio. Isto pode ser verificado em duas edições do “Panorama Econômico” da jornalista Denise Nunes (Correio do Povo, 3/8/2003 e 22/9/2003) e em um artigo de opinião (Correio do Povo, 17/8/2003). Em uma de suas colunas, Denise Nunes refere-se a uma palestra do filho do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, Paulo, no Instituto de Estudos Empresariais, sobre o Protocolo de Kyoto; em outra, trata de um projeto do deputado estadual Luis Fernando Schmidt, sobre o aproveitamento dos mecanismos do Protocolo de Kyoto para o reflorestamento. E um colunista trata da importância do biodiesel (diesel de óleos vegetais) para combater o aquecimento global e, conseqüentemente, a mudança climática, causado pela queima de combustíveis fósseis.

5.2.2 Folha de São Paulo

Em algumas de suas matérias sobre o Protocolo de Kyoto ou sobre mudança climática, a Folha de São Paulo explica os conceitos de maneira simples e acessível, sem tomar muito espaço. Por exemplo: “(..) A mudança climática está ligada à emissão de gases, como dióxido de carbono (CO₂)” (FSP, 12/12/2003, p. A 15).

Sobre a finalidade do Protocolo de Kyoto, resume: “O acordo negociado em Kyoto determina que as nações industrializadas reduzam em 5,2%, até 2012, os níveis das emissões de carbono (elemento presente nos gases-estufa), comparados às emissões de 1990” (FSP, 3/12/2003, p. A 15). E vai além, explicando o efeito estufa: “(...) Eles discutem políticas e informações sobre o efeito estufa – o aquecimento da Terra por um cobertor de gases que impede a radiação solar de retornar ao espaço, após ser refletida pela superfície, o que aquece a atmosfera” (FSP, 3/12/2003, p. A 15).

As referências à mudança climática com a morte são explícitas em três matérias da Folha, duas delas

referentes a um estudo da Organização Mundial da Saúde (OMS), publicadas, respectivamente, na editoria de Ciência (FSP, 12/12/2003, p. A 15) e na editoria de Opinião (FSP, 13/12/2003, p. A 2). Trata-se da divulgação do mesmo estudo publicado pelo Correio do Povo (Correio do Povo, 12/12/2003). A Folha também publicou uma matéria sobre a ocorrência de 21 mortes na Europa, em decorrência da onda de calor naquele continente (FSP, 5/8/2003, p. A 11). Pode-se dizer que tais referências são diretamente ligadas a um fato bem conhecido das pessoas (morte). Além disto, há uma alusão indireta a danos à integridade humana em uma outra matéria: “O clima da Terra está mudando. Está ficando mais quente e imprevisível, pelas emissões exageradas de gases como o dióxido de carbono (CO₂), que aumentam o chamado efeito estufa. Estima-se que, se não houver redução na emissão desses gases, em 2100 a temperatura da Terra terá subido de 3°C a 5°C, o suficiente para causar grandes catástrofes ambientais e sociais” (FSP, 23/11/2003, pp. 16 e 17).

No que se refere a assuntos mais próximos do dia-a-dia das pessoas, duas matérias se destacam, uma delas alusiva ao problema da mudança climática: uma delas trata de um surto de conjuntivite que se estendeu para Fortaleza, depois de atingir outros locais do Brasil: “(...) A mudança climática é apontada como uma das causas da proliferação do vírus e da bactéria causadores da conjuntivite” (FSP, 2/4/2003, p. C3). A outra revela um aspecto positivo do Protocolo de Kyoto, ao noticiar que o gás retirado de um antigo lixão, em Salvador, passou a ser usado como moeda num esquema de abatimento de emissões pelo Canadá. Esse país, segundo a matéria, passou a comprar os créditos de carbono gerados pelo uso do gás vindo do lixão brasileiro, com o dinheiro da transação sendo injetado em obras sociais para a população pobre: “Com a obra, o governo canadense pode abater os créditos de carbono e prestar contas aos países que assinaram o Protocolo de Kyoto”, disse Jalon Oliveira, presidente da Limpurb (Empresa de Limpeza Urbana de Salvador) (FSP, 16/7/2003, p. C4).

Afora essas duas, não há referência das matérias da Folha sobre mudança climática e Protocolo de Kyoto, no período analisado, ao cotidiano popular. Nas entrevistas realizadas com cientistas e outras autoridades que tratam direta ou indiretamente desses temas, o que se observa é que a Folha apropria-se de um discurso cético, como se o problema da mudança climática não tivesse importância, em seu potencial de abalar as pessoas, em meio ao turbilhão de outros problemas – principalmente econômicos – enfrentados pela humanidade.

Em entrevista ao economista Lester Brown, por exemplo, a reportagem da Folha induz o leitor, por meio de sua pergunta, a duvidar da relevância da preocupação com a temática ambiental (que inclui, no caso dessa entrevista, a questão da mudança climática): “ (...) Folha - Mas o sr. não acha que, em vez de atrair a atenção do público para esses problemas, não se está perdendo essa atenção? Brown - Meu palpite é que vamos precisar de um chacoalhão de algum jeito para nos fazer focalizar os problemas ambientais. (...)” (FSP, 7/7/2003, p. A 12)

Uma outra evidência desta postura aparece na entrevista com o cientista Jeremy Rifkin: “(...) Folha - Mas o cenário político hoje não favorece as discussões sobre mudança climática. Rifkin - (...) Quanto à mudança climática, o ano passado sem dúvida foi interessante para o público. O público não liga muito para mudança climática, mas no ano passado houve enchentes-recorde na Europa e seca-recorde na América do Norte, com incêndios florestais imensos. E na Ásia houve a nuvem marrom, com 100 mil mortos de doenças

respiratórias. Não quero fazer muito disso, mas há o começo de uma discussão familiar.” (FSP, 16/5/2003, p. A 14)

6. Conclusões

É possível afirmar, unicamente com base no material avaliado – 84 matérias dos jornais Correio do Povo e Folha de São Paulo, entre reportagens, entrevistas, material de agências de notícias reproduzido, opiniões de editorialistas e de leitores – que o tema mudança climática e seu instrumento equacionador, o Protocolo de Kyoto, ainda têm sua abordagem centrada nos eixos “divulgação científica” e “divulgação de atos intergovernamentais”. Nas entrevistas veiculadas sobre esta temática, embora estas apareçam apenas na Folha de São Paulo, destaca-se a postura assumidamente condutora do entrevistador, no sentido de propor a mudança climática como algo de menor valor e/ou de menor urgência em relação a outros problemas, especialmente os de natureza econômica, desvinculando, não adequadamente, questões econômicas de questões ambientais.

A abordagem mais próxima ao cidadão com respeito ao tema fica, em geral, restrita à divulgação de estudos relacionando as mudanças do clima com a morte de pessoas. Mas nessas matérias, apenas especialistas são ouvidos – geralmente os responsáveis pela pesquisa em divulgação. Não há enquetes, e até mesmo opiniões de leitores sobre a questão da mudança climática ficam, em geral, na esfera da crítica ao governo dos Estados Unidos (veja FSP, 28/1, Editoria Opinião, p. A3).

O trabalho é limitado por seu caráter exploratório e porque faltam métodos de pesquisa interdisciplinares que suportem uma análise mais adequada à complexidade do assunto. É necessário um trabalho teórico de aproximação das abordagens “folk” com uma área relativamente recente de cobertura jornalística, que é a especializada em meio ambiente. O método tomado como referência à presente análise foi estabelecido a partir de observação heurística do conteúdo das matérias publicadas, surgindo “de dentro para fora” e com um espectro também limitado quanto à faixa temporal de amostragem – apenas um ano de cobertura jornalística.

Também as relações entre governança, liberdade de imprensa e formas de apresentação e tratamento do tema mudança climática, propostas neste trabalho, exigem um estudo mais aprofundado. Sugere-se a realização de trabalhos de análise semelhante, a partir de veículos de comunicação de diferentes perfis, e a discussão interdisciplinar do assunto, para a construção de novas formas de tratamento ou da melhoria do tratamento
ora
proposto.

7. Referências bibliográficas

A PROPOSTA para manter a floresta em pé. **Folha de São Paulo** (Editoria Mais!), 23/11/2003, pp. 16-17.

A QUALIDADE do ar entra em debate. **Correio do Povo**: Porto Alegre (RS), 19/7/2003.

AMBIENTALISTA prevê ‘chacoalhão’ ecológico. **Folha de São Paulo** (Editoria Ciência), 7/7/2003, p. A 12.

AQUECIMENTO global causa 150 mil óbitos a cada ano. **Correio do Povo**: Porto Alegre (RS), 12/12/2003.

AQUECIMENTO global mata 150 mil por ano. **Folha de São Paulo** (Editoria Ciência), 12/12/2003, p. A 15.

ARGENTINA e Chile firmam acordo bilateral. **Correio do Povo**: Porto Alegre, 30/8/2003.

CHANCES imperdíveis. **Correio do Povo** (Panorama Econômico): Porto Alegre, 19/8/2003.

DO LEITOR. **Correio do Povo**: Porto Alegre (RS), 12/12/2003.

EFEITO do clima. **Folha de São Paulo** (Editoria Opinião), 13/12/2003, p. A 2.

EX-PRIMEIRO-FILHO. **Correio do Povo** (Panorama Econômico): Porto Alegre, 3/8/2003.

GÁS retirado de antigo lixão gera energia para parque em Salvador. **Folha de São Paulo** (Editoria Cotidiano), 16/7/2003, p. C 4.

MAIS do mesmo. **Folha de São Paulo** (Painel do Leitor/Editoria Opinião), 28/1/2003, p. A 3.

ONDA de calor provoca mortes na Europa. **Folha de São Paulo** (Editoria Mundo), 5/8/2003, p. A 11.

RIFKIN prevê uma 'internet' de energia. **Folha de São Paulo** (Editoria Ciência), 16/5/2003, p. A 14.

RÚSSIA segue indecisa sobre Kyoto. **Correio do Povo**: Porto Alegre, 30/9/2003.

SCHMIDT quer apoio a reflorestamento. **Correio do Povo** (Panorama Econômico): Porto Alegre, 22/9/2003.

SURTO de doença também em Fortaleza. **Folha de São Paulo** (Editoria Cotidiano), 24/2/2003, p. C 3.

WORLD RESOURCES INSTITUTE (WRI). **Decisions for the Earth – Balance, Voice and Power**. Washington, 2002-2004.